



Imagens do Espaço Rural e Urbano no Romance “Um Pedaco de Lua Caía na Mata”: A Cidade de Parintins de 1850 a 1925¹

Jamescley de SOUZA²
Gabriel de ALBUQUERQUE³

RESUMO

No romance intitulado *Um pedaco de lua caía na mata* (1990), o escritor amazonense Paulo Jacob decidiu realizar uma transfiguração da chegada, adaptação e estabelecimentos dos judeus sefardita na Amazônia. Ambientada em Parintins (AM), a ficção é narrada por Salomão, o qual conta histórias que cobrem o período de 1850 a 1925. Entre narrações de fatos e personagens da história judaica e intertextualidades com o antigo e novo testamento bíblico, bem como entre o atendimento de um e outro freguês em seu comércio, imagens do espaço urbano e rural da Parintins desse período emergem na representação. O presente trabalho, utilizando-se da aproximação já consolidada entre Geografia e Literatura, procura mostrar o conteúdo geográfico no romance, a saber, como o espaço rural e urbano de Parintins foi apreendido por Paulo Jacob nessa representação, bem como de que forma os seus personagens se relacionam com o lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo Jacob; Parintins; Cidade; Rural; Urbano.

REFLEXÕES INICIAIS

Em 1990, no romance que escreveu para homenagear o seu povo, intitulado *Um pedaco de lua caía na mata*, Paulo Jacob decidiu escolher como espaço para a sua narrativa a cidade de Parintins (AM). A escolha do escritor, é bem verdade, não poderia ser mais acertada e simbólica, uma vez que, dentre tantas outras cidades da Amazônia, a Ilha Tupinambarana, nesse sentido, se caracteriza por dois fatos: pelos laços de

¹ Trabalho apresentado no GT X (Imaginário da cidade: cultura e pensamento político na literatura) do III Siscultura.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM).

³ Doutor em Literatura Brasileira (USP).



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



pertencimento que os judeus compartilham com o lugar e pela possibilidade de tomar a cidade como estando situada entre dois mundos: Manaus e Belém. De maneira que, assim como Parintins flutua entre as duas metrópoles, assim também o judeu Salomão — o protagonista — flutua entre a antiga e a nova pátria: Israel e a Amazônia.

Podendo ser apontado como o romance autobiográfico de Paulo Jacob, *Um pedaço de lua caía na mata* conta a história de vida do judeu Salomão e de sua família. Especificamente, a luta que ambos enfrentam para se adaptarem na nova terra, o preconceito sofrido por ser judeu e estrangeiro, o temor de seu filho Jacó abandonar a fé judaica, as intrigas com as vizinhas, as relações com os seus fregueses, o contar e ouvir novidades que surgem na cidade, o dia a dia das disputas políticas, a amizade e cumplicidade com o índio Jauaperi, assim como a cultura e as tradições de Parintins. É pertinente enfatizar que sempre que a narrativa se concentra no presente da vida de Salomão, relatando os acontecimentos diários dele e da sociedade, o espaço urbano parintinense emerge como pano de fundo.

Por outro lado, a narrativa também traz à tona o Salomão jovem, comerciante, dono do regatão Jerusalém, em suas aventuras pelos barrancos e pelos beiradões da Amazônia, subindo e descendo os seus rios. Nesse momento, cabe apontar, as imagens são outras, pois o pano de fundo que passa a surgir é o espaço rural de Parintins: a relação de cumplicidade com o rio, com os lagos, a vida solta do jovem judeu que chega à Amazônia em busca de riqueza, o amor proibido pela cabocla Janoca, as aventuras amorosas, o lugar do sossego e dos melhores dias de sua vida. Como ele mesmo afirma, “Foi a melhor vida, trabalhar em regatão” (JACOB, 1990, p. 67). Sempre que ele está, então, a recordar e a repassar as suas memórias e lembranças, em fluxo de consciência, em momentos de reflexão, a paisagem do espaço rural aparece.

Bem por isso, a saber, em razão dessa dualidade espacial da narrativa, que ambas as imagens — o espaço rural e o espaço urbano parintinense — são representadas no romance. Daí o presente texto ter por objetivo, portanto, mostrar e interpretar o conteúdo geográfico do romance, como o espaço geográfico de Parintins foi percebido por Paulo Jacob e apreendido por seu discurso literário, quais as relações das pessoas com o lugar em *Um pedaço de lua caía na mata*.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Dito por meio de outras palavras, trata-se de uma interlocução entre Geografia e Literatura, uma aproximação hoje já consolidada. Como afirmam Venerotti e Ottati (2016, p. 53), “hoje estamos diante de uma relação profícua entre a geografia e literatura”. Quanto à afirmação de Monbeig (1940), tal como o referenciou Suzuki (2017, p. 131), de que “a geografia deve ser literária sem entretanto cair na literatura”, poderíamos destacar que concordamos com tal afirmação. Entretanto, é mais do que óbvio esperar que se pode – mesmo pertencendo a outra área – fazer uso de conceitos, métodos e teorias que outra área, de forma elogiável, já construiu.

Embora deva ser estudada como um objeto estético, é ponto assente que a Literatura pode ser tomada como uma linguagem gráfica da experiência humana com o seu meio. Em bom rigor, urge dizer que um romance não pode ocorrer sem um espaço, sem um lugar para situar as ações das suas personagens e estabelecer com elas uma interação e influenciar as suas atitudes, pensamentos e emoções. É por essa razão que a Literatura pode ser geográfica: por abordar temas como meio, espaço, lugar, história, localização. E, nesse bojo, vêm as relações de existência do homem em seu meio, uma vez que “o espaço geográfico deve ser considerado como algo que participa igualmente da condição do social e do físico, um misto, um híbrido” (SANTOS, 2006, p. 56).

Justamente por isso que, quando dizemos espaço, uma consideração deve ser feita. E a fazemos recorrendo a Milton Santos: “o espaço não é nem uma coisa, nem um sistema de coisas, senão uma realidade relacional: coisas e relações juntas” (SANTOS, 1988, p. 10). Dito de outro modo, o espaço não é inerte. Ele expressa muito mais do que o concreto, sendo a síntese ou o amálgama entre o conteúdo social e formas espaciais. Recorrendo novamente a Milton Santos, “o espaço deve ser considerado com um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, seja a sociedade em movimento” (Ibid., p. 10).

Relativamente ao recorte temporal realizado, a saber, a cidade de Parintins de 1850 a 1925, convém esclarecer que é o próprio romance quem assim nos situa. E a razão consiste nisso: conforme vai apresentando fatos e personagens da história judaica, bem como tentando repassar os mitos e os ritos do judaísmo para o seu filho Jacó, Salomão



narra igualmente a chegada dos primeiros judeus à Amazônia, de origem sefardita, vindos da região do Tânger, no Marrocos. Como ele mesmo anuncia, “ano aí de 1850, aconteceu da chegada em Belém” (JACOB, 1990, p. 16). Já a data de 1925, por outro lado, explica-se pelo término da narrativa, que fecha citando a chegada dos bois bumbás a Parintins: “hoje é São João. E mesmo deu-se a chegada do boi Garantido, do boi Caprichoso” (Ibid., p. 154). Com efeito, como o Garantido foi criado primeiro, em 1920, e o Caprichoso, posteriormente, em 1925, concluímos ser lícito admitir que a narrativa se passe entre o período de 1850 a 1925.

Algumas considerações sobre o rural e o urbano

Antes de examinar mais atentamente as imagens do espaço rural, principiamos fazendo uma distinção. O que Raymond Williams chama de campo, em suas reflexões sobre o diálogo entre Geografia e Literatura, associando-o “a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples” (WILLIAMS, 1990, p. 9), em contraste com a cidade, nós o chamamos aqui de rural. Em bom rigor, para aproximarmos ainda mais o conceito à nossa identidade regional amazônica, de grande interesse seria mesmo chamar esse espaço de interior, em contraste ao urbano representado pela cidade de Parintins.

Ocorre que hoje as fronteiras entre rural e urbano, tal como a faz Williams, com a distinção entre campo e cidade, são cada vez mais difusas. Cumpre estabelecer o fato de que compreendemos que hoje o tecido urbano nasce na cidade e se espraia para o campo, para o rural, para o interior. E embora a relação entre urbano e rural seja histórica e esteja no epicentro das sociedades humanas, como evoca muito oportunamente Monte-Mór (2006, p. 11), eles são “elementos socioespaciais opostos e complementares, constituem a centralidade e a periferia do poder na organização social”. Na verdade, não é supérfluo afirmar que emerge cada vez mais forte a ideia deles como “uma gama de relações culturais, socioeconômicas e espaciais entre formas e processos derivados da cidade e do campo, sem, no entanto, permitirem a clareza dicotômica que os caracterizava até o século passado” (Ibid., p. 10).



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



O conceito de urbano merece também aqui uma breve elucidação. Isso porque é facilmente aceito que se confunda cidade com urbano, mas – é importante ficar claro – esse difere daquela. Em termos gerais, a cidade precede o urbano e pode ser tomado como um conceito e ao mesmo tempo uma realidade, algo multiforme, concreto, que eu posso situar. Já o urbano, não: é algo abstrato e subjetivo, caracteriza uma sociedade complexa a partir da modernidade e está ligado à industrialização: “como Léfèbvre, diversos autores na discussão sobre o urbano fazem a relação entre urbano e industrialização, por assim dizer, entre urbano e sociedade industrial capitalista, uns caindo no reducionismo criticado por Léfèbvre, outros, não” (LENCIONI, 2008, p. 118). Posto de modo mais claro, o urbano não pode ser dimensionado, mas a cidade, sim.

Daí que só relativamente podemos aplicar o conceito de urbano à cidade de Parintins da segunda metade do século XIX, representada por Paulo Jacob em *Um pedaço de lua caía na mata*. Importa sublinhar que se trata, na verdade, mais de uma vila fundada como freguesia em 1796, no meio da floresta amazônica, elevada à categoria de vila em 1848, transformada em município em 1852, mas que já era habitada por diversas etnias indígenas, especialmente os tupinambás. Quando os primeiros judeus começaram a chegar à Amazônia, portanto, em 1850, o núcleo urbano colonial em Parintins tinha aproximadamente 50 anos.

No imaginário ficcional de Paulo Jacob, a cidade aparece possuindo Intendência, comércios, cartório, bar, serviço de telegrama, ruas, igreja, um conselho municipal, documentos públicos, vereadores e uma disputa política acirradíssima. Entretanto, a cidade aparece também suja e abandonada pelo governo, precisando de cuidados: “as ruas esburacadas, cheias de lama. A cidade no escuro” (JACOB, 1990, p. 54). Justamente por isso é oportuno esclarecer que o sentido de urbano que aplicamos à Parintins de 1850 a 1925, transfigurada nessa ficção jacobiana, é o mesmo que podemos depreender de Araújo, em *As cidades da Amazônia no século XVIII*, a qual realiza uma abordagem “do processo de expansão ‘urbana’ do Império colonial português”, numa nítida tomada de que a autora concebe o conceito de urbano como sinônimo de

implantação de novos sítios, formações humanas e instalações de elementos urbanos como arruamentos e abertura de praça.

Imagens do espaço rural

Poderíamos principiar esse ponto dizendo que as imagens do espaço rural na ficção *Um pedaço de lua caía na mata* se resumem basicamente a três: à relação que o jovem Salomão desenvolve com esse espaço caracterizado pelos rios, lagos, barrancas, beiradões e pelas pessoas do lugar; à descrição de sua paisagem, seja em seus aspectos físicos ou sonoros; e ao contraste entre rural e urbano, realizado pelo protagonista Salomão durante as suas reminiscências.

Podemos certamente dizer que, em *Um pedaço de lua caía na mata*, o espaço rural é o lugar do jovem Salomão, ainda novo, recém-chegado, cheio de energia para trabalhar, ora subindo e ora descendo os rios em seu barco, o Jerusalém. Como podemos perceber, entre narrações de fatos e personagens da história judaica e intertextualidades com o antigo e novo testamentos bíblicos, a imagem do rural emerge durante a lembrança desses momentos errantes: “o regatão subindo, descendo, vencendo os rios” (JACOB, 1990, p. 25).

Para Salomão, essas recordações — feitas muitas vezes em seu comércio, entre o atendimento de um e outro freguês — significam a vida solta e de liberdade de um homem jovem.

A vida solta, liberta, correndo os rios. Salomão com o mundo nas mãos. Andar aqui, parar logo mais ali. Dormir, acordar quando entendesse. Das vezes dormir até dia claro. O remo cansava, baqueava o corpo. O Jerusalém subindo, descendo rios. A lua subindo lenta, calma e branca. A mata coberta de luz. Na popa do regatão, a paragem das orações. Rezar a benção da lua naqueles quietos beiradões do rio. A lua fria abrindo a luz nos confins de mata. Os grilos, as rãs, os sapos, falações da noite. O sapo-boi roncando feio nos matagais do igapó (JACOB, 1990, p. 122).

No excerto citado acima é possível notar as três imagens básicas que estamos abordando no romance: a relação com o espaço, a descrição da paisagem e o contraste do rural com



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



a cidade. Para bem nos orientarmos, iremos falar da relação de Salomão com os “beiradões do rio” primeiramente, vagando pelas águas da Amazônia com o seu barco Jerusalém, e das outras duas imagens depois.

Cabe notar que uma das razões pelas quais as obras literárias podem ser estudadas em busca da geograficidade, isto é, “a trama da experiencição de espaço-tempo do personagem grafada na linguagem direta e imediata das significações” (MOREIRA, 2010, *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 251), é porque elas refletem a relação do homem com o lugar. E, como bem escreve Milton Santos (2006, p. 16) “a principal forma de relação entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio, é dada pela técnica. As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”.

Com essa afirmação de Milton Santos em tela, podemos compreender o motivo de Salomão ter ido parar nesses confins do espaço rural parintinense: o seu trabalho como comerciante de regatão. Dito noutros termos, é por meio dessa técnica que o jovem judeu experimenta esse meio, relaciona-se com ele, realiza a sua vida como imigrante recém-chegado à nova terra e produz a riqueza necessária que lhe permitirá, posteriormente, montar um comércio permanente na cidade de Parintins, casar e construir uma família. Logo, é lícito apontar o espaço rural de *Um pedaço de lua caía na mata* como o lugar do trabalho duro do jovem Salomão.

Em compensação, se é o lugar do trabalho duro, outra coisa também não é senão o lugar dos tempos bons, das boas saudades, dos melhores dias de sua vida. Urge dizer que essa é outra imagem que vem à tona nessa construção de Paulo Jacob. Nos intervalos entre as lições dos ritos e dos mitos do judaísmo ao seu filho Jacob e as conversas com o seu amigo e empregado, o índio Jauaperi, o velho Salomão sonha com o tempo passado nas barrancas:

Tempo bom, vida alegre. O Jerusalém recebido na maior alegria. O seu Salomão vem vindo lá na ponta da terra. O judeu chega hoje como sem falta. Vai de trazer a encomenda. Não tinha na ocasião [...]. Aviava primeiro os homens, as mulheres. Por final, as cunhantãs. Conversar com as moças era bom. Brincar, combinar das festas. Muitas vezes o Salomão pagava os músicos. Presentear besteirinhas às meninas. Riso, alegria, a chegada do Jerusalém. A



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Janoca pegava na ciúmeira, acabava o namoro. Judeu safado, namorado. Judeu pávulo, fazendo das fitas com as cunhantãs. O regatão abarrotado de fêmea (JACOB, 1990, p. 66).

De grande interesse é o excerto supracitado porque ele evoca outra imagem da relação de Salomão com o meio que estamos abordando e ajuda a explicar o motivo das suas constantes e saudosas recordações, sonhando no balcão de seu comércio. Essa outra imagem é aquela dos casos amorosos do jovem judeu, das aventuras sexuais com as “cunhantãs” dos beiradões, do regatão sempre “abarrotado de fêmea” e do grande amor proibido de sua juventude — a cabocla Janoca. Cremos poder ver aí que não era somente uma relação de trabalho que o personagem Salomão desenvolvia no espaço rural parintinense: era também uma relação de amor e de prazer.

Esse, aliás, é um ponto a reter, a saber, Janoca, o grande amor do judeu, e ele merece um breve parêntesis, o qual ajuda a explicar o título do romance. A expressão que dá título ao livro, *Um pedaço de lua caía na mata*, aparece numa frequência de oito vezes: nas páginas 44, 50, 102, 121, 154 e três vezes na página 117. Algo que é digno de nota é que todas essas vezes, com exceção da página 154 – última linha e sentença da narrativa –, o título sempre aparece associado a Janoca, o que pode nos levar a concluir que ela foi a mulher do seu amor. Um amor que só não se realizou completamente em virtude da proibição imposta pelo pai da cunhantã. E que o pedaço de lua que cai na mata é o jovem judeu caindo de amores pela jovem cabocla: “homem também tem da fraqueza chorar. Lembrança do regatão, saudade de Janoca. Vivença de riso, felicidade. Amando uma cabocla das barrancas do rio” (JACOB, 1990, p. 85).

Cabe lembrar que, no simbolismo judaico, Israel é a lua, o satélite natural que parece diminuir, chegando até a desaparecer completamente, mas sempre volta a crescer – até chegar à fase de lua cheia. Nesse simbolismo do título, o ponto-chave está em que Salomão, o imigrante judeu, é o pedaço de Israel que caiu por aqui, por essas paragens: em primeiro lugar, na mata da Amazônia; e em segundo, caindo pela mulher que simboliza essa identidade regional, a cabocla Janoca. Não sem razão que, no romance, Janoca é apresentada como sendo “cria das matas, filha dos rios” (JACOB, 1990, p. 108).



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Nossa abordagem sobre o espaço rural representado nesse romance de Paulo Jacob levamos agora a comentar sobre as outras duas imagens relacionadas a esse ponto: a descrição da paisagem rural e o contraste feito entre ela e a cidade. Tenhamos presente que a descrição da paisagem é uma das categorias prioritárias da Geografia literária. Bem por isso que, com Monbeig, podemos refletir que ambas, Geografia e Literatura, “têm um campo comum: a descrição geográfica. Descrever a paisagem da região estudada é a primeira fase do trabalho geográfico” (MONBEIG, 1940, p. 225).

Em *Um pedaço de lua caía na mata*, a descrição da paisagem rural se caracteriza por aquilo que Barthes (2011) chamou de “função decorativa” desse tipo de recurso. Em outras palavras, sobressai o retrato físico e sonoro da paisagem dos rios, dos lagos, do entardecer, da luz da lua nos confins da mata, durante as noites: “A mata coberta de luz. Na popa do regatão, a paragem das orações. Rezar a benção da lua naqueles quietos beiradões do rio. A lua fria abrindo a luz nos confins de mata. Os grilos, as rãs, os sapos, falações da noite. O sapo-boi roncando feio nos matagais do igapó” (JACOB, 1990, p. 122). Ou, de modo melhor ainda, trazendo à luz o título do romance, por duas vezes: “noite aberta, bonita. Um pedaço de lua caía na mata. O rio parado, banheiro nenhum. Naquele imenso quieto de noite, um imenso vazio na cabeça. Homem também chora. Aconteceu lágrima, os olhos pingando. Soluçados perdidos no aberto da noite. Pedacinhos de lua caindo na mata” (Ibid., p. 117).

Eis um ponto aqui particularmente interessante: o que os romancistas fazem com a sua arte. Eles contam histórias fazendo de seu “pequeno mundo” – um microcosmo, um mundo criado – um espelho do “cosmos”, onde “as coisas têm o mesmo aspecto” (BENJAMIN, 1987, p. 27). Em uma palavra: a beleza da luz do luar, o som dos insetos e dos anfíbios na noite, o espelho do luar nas águas do rio, parado e sem “banheiro nenhum”, em um “imenso quieto de noite”, suscitam a mesma beleza na arte. Não sem razão que, como declara Benjamin, os romancistas podem nos levar a “fazer uma travessia marítima e cruzar o oceano, sem terra à vista, vendo unicamente o céu e o mar” (Ibid., p. 54).

Do excerto do romance citado imediatamente acima é possível deduzir também o contraste entre espaço rural e urbano ou, como coloca Raymond Williams (1990), entre



o “campo” e a “cidade”. Esse ponto fica claro quando descreve a paisagem bucólica – simples, forma natural de vida, de paz e inocência – das paragens fluviais, em noites de luar, sossegado, em um “imenso quieto de noite”. Com isso em tela, vem à nossa luz o contraste com a cidade, uma vez que essa é facilmente associada como o lugar do barulho, das realizações, das comunicações, da mundanidade e das ambições. Daí o crítico galês sustentar que o componente mais sério do bucólico é “uma atenção intensa e renovada voltada para a beleza natural” (WILLIAMS, 1990, p. 38).

É hora de fechar esse ponto. E depois de apresentarmos como Paulo Jacob transfigurou o espaço rural parintinense em *Um pedaço de lua caía na mata*, diríamos que, assim como cada romancista mostrou a sua cidade, seja Baudelaire, com relação a Paris, seja Dostoievski, com relação a Petersburgo, assim também Paulo Jacob mostrou o espaço rural de uma das cidades onde seus patrícios fincaram morada, e o espaço urbano como vamos adiante mostrar.

Imagens do espaço urbano

Como já tivemos a oportunidade de mostrar, a Parintins transfigurada em *Um pedaço de lua caía na mata* é uma cidade cravada no meio da floresta Amazônia que recebe inúmeros de imigrantes judeus que, via Belém, chegam de várias regiões do Marrocos. São os judeus sefardita – de *sefarad*, a palavra hebraica para Península Ibérica, de onde descendem os judeus marroquinos – e o comerciante Salomão, o protagonista do romance, é um deles. Enquanto conta fatos da história dele, os preconceitos que ele sofre, como a acusação de ter matado Cristo, e a mudança da esposa com os filhos para Belém, a narrativa mostra o espaço urbano de Parintins, em essência, sob duas imagens: a do lugar situado entre as influências das duas grandes metrópoles da Amazônia, Manaus e Belém, construção que encontra ressonância no que afirmou Milton Santos (1959, p. 8): “cada aglomeração tem o seu raio de influência, que é um dado instável, em virtude da competição que sofre, necessariamente, de outras unidades do mesmo nível”; e a do lugar abandonado pelo governo e que, por essa razão, precisa de cuidados. Antes de concentrar nossa atenção nesses três pontos, cabe ressaltar que outras imagens, menores e pontuais, aparecem no romance. Poderíamos apontar, por exemplo, a imagem



da cidade onde habitam mulheres bonitas e possuidoras de um biótipo específico: “e parintinense é mulher bonita” (JACOB, 1990, p. 34). A cidade que se ressentia por não ser dirigida por um de seus filhos: “e como traz gente de fora para dirigir o Município. E logo um ladrão conhecido” (Ibid., p. 31). Ou ainda a cidade onde os judeus encontram a paz e a liberdade, após fugir da Inquisição: “aqui a salvação, a liberdade de viver” (Ibid., p. 25).

Ora, a começar pela primeira imagem, convém destacar que Parintins aparece como que flutuando entre Manaus e Belém. Como muito acertadamente colocou Marques (2017, p. 30), “no romance, Parintins está geográfica e politicamente dividida entre a selva e as capitais regionais”. Dentro dessa influência exercida pelas duas cidades, é possível dizer que enquanto Belém é a cidade para onde Parintins exporta: “os compradores em Belém são demais exigentes” (JACOB, 1990, p. 41); ou a cidade para onde se vai quando se melhora de vida: “com boa safra de castanha, borracha, a coisa melhora. Precisa adquirir casa em Belém” (Ibid., p. 120); ou ainda o lugar de uma grande colônia de judeus: “em Belém fica mais fácil estudar. Tem muito patricio judeu” (Ibid., p. 99); Manaus é a sede do Governo do Estado: “tamanha canseira em Manaus, nada resolvido. O Governador deu uma merdinha de ajuda” (Ibid., p. 81).

Devemos notar que, embora esteja entre as duas metrópoles, a relação comercial e social de Parintins é muito mais forte com Belém do que com Manaus. Não obstante estar situada no Amazonas, a Ilha Tupinambarana está mais próxima, nesse sentido, do Pará. Em rigor, não obstante todo o fausto decorrente da economia da borracha que Manaus experimentou, Belém era uma metrópole mais influente na região. Somente recentemente, com a instalação da Zona Franca, Manaus se sobrepôs a Belém. E isso em razão do seguinte fato “diferentemente de Manaus, Belém não sofreu o estímulo de crescimento a partir do setor industrial de montagem” (TRINDADE JÚNIOR, 2016, p. 46).

A segunda imagem de Parintins construída no romance é a da cidade abandonada pelo governo e que precisa de cuidados: “as ruas esburacadas, cheias de lixo, capim. Que por isso o Chico Simões quebrou a perna. Pisou no capim, debaixo tinha um buraco desse tamanho” (JACOB, 1990, p. 123). Abandonada pelo governo: “o governo não assiste o



interior. Não valoriza a indústria extrativa” (Ibid., p. 148). E isso conduz ao problema seguinte: o da corrupção política e a acirrada disputa eleitoral que marca a cidade.

Convém ressaltar que, conforme mostrado no romance, problemas como esse que a cidade enfrenta podem ser explicados pela corrupção política que a domina: “o coronel Chico Bento vence de qualquer jeito. Da vez passada atirou a urna nágua. No final mesmo, ficou o dito do boto. O coronel tem um dito de dizer. Nas eleições multiplicam-se os pães” (Ibid., p. 93). Política e mentira se confundiam: “o candidato mais mentiroso, arranja até mais voto” (Ibid., p. 112). Até milícias paraestatais dominavam as disputas eleitorais: “contrata gente do Andirá. Cabra brabo, ruinoso de gênio. Ninguém se impõe com o coronel Chico Bento” (Ibid., p. 113).

Concluindo esse ponto, esclarecemos que essas são, em essência, as imagens do espaço urbano que podem ser encontradas no romance *Um pedaço de lua caía na mata*. Um último ponto a esclarecer é que somente após a chegada dos bois bumbás, Garantido e Caprichoso, é que a cidade passa a ficar menos dividida eleitoralmente. A disputa agora é cultural, nos festivais, entre os dois bois.

REFLEXÕES FINAIS

No final da narrativa, os acontecimentos que se desdobram são significativos em relação às imagens que abordamos e merecem ser destacados. O filho de Salomão, Jacó, passa a morar e a estudar em Belém, formando-se em medicina, posteriormente, o que aponta para a influência econômica e sociocultural da metrópole no período narrado. Orgulhosamente, ele fala do filho: “encher a boca. Falar a todos de filho. É judeu mas é doutor. Jacó chega a essas alturas” (JACOB, 1990, p. 154).

Já Salomão, enquanto a esposa Sara vai morar com Jacó em Belém, permanece em Parintins, não se apartando da pequena cidade, o que evoca a imagem da cidadezinha generosa que acolheu os judeus, deu-lhes abrigo e liberdade e se tornou a Eretz Amazônia. Já quase cego e paralítico, em decorrência do reumatismo, ele acaba os seus dias cuidado pelo índio Jauaperi, apreciando o povo na rua e saudoso das disputas



políticas que marcaram a cidade, na época do coronel Chico Bento, pois “a política também morreu com o coronel” (JACOB, 1990, p. 154).

Por fim, cabe ressaltar que, como descendente de judeus, Paulo Jacob mergulha a fundo na história de seu povo na Amazônia para extrair o capital sociocultural, bem como as imagens do espaço urbano e rural com os quais construiu o romance. Ele percorreu a Amazônia durante anos, seja morando ou trabalhando como magistrado, fato que evoca o que registrou Benjamin sobre os romancistas: “o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, principalmente nas camadas artesanais” (BENJAMIN, 1987, p. 214).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland et al. **Análise estrutura da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e historia da cultura**. Obras Escolhidas. Vol. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

JACOB, P. **Um pedaço de lua caía na mata**. Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1990.

LENCIONI, S. Observações sobre o conceito de cidade e urbano. GEO-USP - Espaço e Tempo, São Paulo, n. 24, 109-123, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74098/77740>. Acesso em 16 jun. 2018.

MARQUES, K. Parintins, entre a capital e a selva, a cidade flutuante Parintins. RE-UNIR, v. 4, nº 2, p. 29-48, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/RE-UNIR/article/view/2448/2095>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MONBEIG, P. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Martins, 1940.

MONTE-MÓR, R. L. O que é o urbano no mundo contemporâneo. *REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO*, Curitiba, n. 111, p.09-18, jul./dez. 2006. Disponível:
<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/58/60>.
Acesso em: 16 jun. 2018.

OLIVEIRA, Natallye L. S. A experiência ontológica na geografia de Jorge Amado e o viés epistemológico. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de;



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



CHAVEIRO, Eguimar Felício (Orgs.). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. **A cidade como centro de região: definições e métodos de avaliação da centralidade**. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1959.

SUZUKI, J. C. Geografia e Literatura: abordagens e enfoques contemporâneos. **REVISTA DO CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO / N° 5**, setembro 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/e5e7f714/f8ed/443d/b048/0b3a58e284cc.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

TRINDADE JÚNIOR, Saint-Clair C. **Formação metropolitana de Belém (1960-1997)**. Belém: Paka-Tatu, 2016.

VENEROTTI, I.; OTTATI, R. O autor e o lugar em “Place and the novelist”, de Douglas Pockock. In: SUZUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Orgs.). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016.

WILLIAMS, R **O campo e a cidade na história e na literatura**. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.